

dá importância. E por que haveria de dar, se ele vive do ódio, e o brasileiro não é de ódios? Se ele vive hoje de tentativas de, com o poder econômico que ainda lhe resta, tentar asfixiar outros órgãos da imprensa, pelo artifício de vender mais barato os seus exemplares que todo mundo vai rejeitando apesar dessas *vantagens*?" Nos dias seguintes os jornais paulistas continuavam a abrir manchetes em torno do assunto<sup>(372)</sup>.

Mas nesse mesmo dia, surpreendentemente, a imprensa do Rio transcrevia "Manifesto à Nação", assinado por Júlio de Mesquita Filho, pelo *Estado de São Paulo*, Otávio Frias de Oliveira, pela *Folha de São Paulo*, Edmundo Monteiro, pelo *Diário de São Paulo*, João Francisco Ferreira, pela *A Gazeta*, Carlos Joel Nelli pela *A Gazeta Esportiva*, Armando de Oliveira, pelo *Diário da Noite*, Rodrigo Soares Júnior, pelo *Diário Popular*, Rui Mesquita, pelo *Jornal da Tarde*, Carlos Caldeira Filho, pela *Última Hora*, o mesmo, por *Notícias Populares*, Giusfredo Santini, pela *A Tribuna*, de Santos, Álvaro Troppmair, por *Notícias Alemãs* e mais Edmundo Monteiro, pelo Sindicato dos Proprietários dos Jornais e Revistas do Estado de São Paulo, Paulo Machado de Carvalho, pela Associação das Emissoras de São Paulo, e José P. Cavalcanti, pelo Sindicato das Empresas de Rádio-Difusão do Estado de São Paulo. O manifesto começava assim: "Não se pode dizer que a opinião pública brasileira tem sido inteiramente surpreendida pelas últimas divulgações de fatos relacionados com a infiltração de capitais estrangeiros na indústria jornalística nacional, bem como na exploração de concessões de rádio e televisão. Circulam, com efeito, por aí, numerosas publicações — revistas principalmente — que não escondem a origem dos capitais que as sustentam e não disfarçam a origem extranacional do seu pensamento, dos seus sentimentos e, portanto, dos seus interesses também. O que pouco se conhecia era a extensão desse mal, cuja avaliação passou a tornar-se possível mercê de várias denúncias, com revelações sobre o interesse de determinados capitais estrangeiros não só pela exploração de empresas jornalísticas brasileiras, mas pela construção também de vastas redes nacionais e regionais de rádio e televisão. E nova contribuição acaba de se trazer à elucidação deste problema, com revelações tanto sobre o vulto dos empreendimentos levados já a cabo neste terreno por capitais de fora, quanto sobre esta outra ilegalidade, consistente na entrega da direção de jornais, revistas, empresas de radiodifusão a estrangeiros ou a 'testas-de-ferro' seus". Acusava o manifesto, depois, a "indiferença até agora demonstrada pelas autoridades e órgãos públicos", contra a qual protestavam os signatários, que se confessavam "entre os mais constantes propug-

(372) *Jornal do Brasil*, Rio, 23 de janeiro de 1966.